



“A GALINHA PINTADINHA E SUA TURMA”: PROBLEMATIZANDO POSIÇÕES DE GÊNERO EM ARTEFATOS CULTURAIS PARA AS INFÂNCIAS

Camila dos Santos Araújo¹
Ângela Adriane Schmidt Bersch²

Resumo

Este trabalho propõe-se a problematizar as representações de gênero expressas no primeiro vídeo da Franquia “A Galinha Pintadinha e sua Turma”, compilado de vídeos em DVD, de grande sucesso entre o público infantil, entendendo-o como currículo cultural, que cria e dissemina representações sobre gênero que interpelam as crianças diariamente. Essa investigação configura-se como uma pesquisa qualitativa, que se insere no campo dos estudos pós-críticos, mais especificamente no âmbito dos estudos culturais. Por meio das análises foi possível entender que imagem e canção, constituidoras do referido artefato cultural, buscam criar diferentes sistemas de diferenciação entre os sexos, demarcando as fronteiras entre masculino e feminino.

Palavras chave: Infâncias. Gênero. Artefatos culturais.

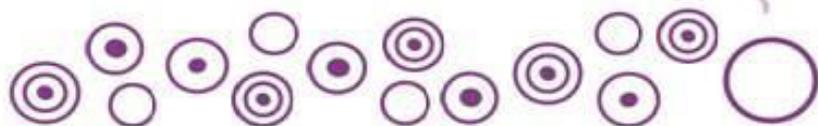
Introdução

No atual momento histórico não é possível falar em infância no singular, é mais que necessário utilizar o plural ao falar de uma categoria que é, segundo o historiador francês Philippe Áries (2011), uma construção cultural da Modernidade. Na contemporaneidade as diversas infâncias são interpeladas por diferentes produções das mídias e pelas novas tecnologias, principalmente as que dizem respeito à comunicação, trazendo à essas infâncias novas configurações e modos de produção de suas subjetividades. Torna-se imprescindível nessa sociedade a que Bauman (2008) chama de “sociedade de consumidores”, possuir determinados produtos. As subjetividades passam pela instância do ter. Nessa lógica, os artefatos culturais midiáticos, voltados para as infâncias tornam-se, além de uma fonte de mercado, um espaço privilegiado de comunicação e disputa das subjetividades infantis.

Dentre os espaços pelos quais as crianças, de nosso tempo, circulam a escola de Educação Infantil passa a ter uma importante tarefa, o cuidado-educação. Pesquisas como as desenvolvidas por Albuquerque (2010) e Cerisara (1999) apontam para um entendimento mais amplo da tarefa educativa das instituições que atendem crianças pequenas. O cuidado-

¹ Pedagoga, Universidade Federal do Rio Grande – FURG, araujocamiladossantos@gmail.com

² Doutora em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande - FURG, angelabersch@gmail.com





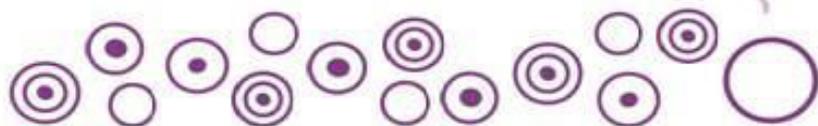
educação, entendido de forma ampliada, compreende as práticas de cuidado enquanto prática pedagógica. Alargando um pouco mais o entendimento das autoras, as questões da constituição da subjetividade da crianças pequenas também fazem parte do trabalho pedagógico da Educação Infantil, assim, essas questões precisam ser pauta nas Universidades, mas principalmente nas Escolas de Educação Infantil, tudo aquilo que circula nesses espaços precisa ser alvo de problematização coletiva.

Apontadas essas questões iniciais, destaca-se o artefato cultural em discussão nesta investigação. Os DVD's da franquia “A Galinha Pintadinha e sua Turma” ganharam nos últimos anos grande destaque entre as produções que circulam na escola e nos demais ambientes frequentados por crianças. Esses artefatos culturais voltados para as infâncias, vem tornado-se parte do cotidiano das escolas de Educação Infantil, principalmente a partir dos produtos que deles derivam como: roupas, calçados, material escolar, etc. A simpática galinha azul coberta de pintinhas brancas é uma criação dos publicitários paulistas Juliano Prado e Marcos Luporino. Veiculada para milhões de crianças através do *site youtube*, logo a personagem ganhou outros vídeos e configurou-se como um fenômeno de vendas, invadindo as escolas com suas canções, roupas, mochilas, etc. Com este trabalho busca-se identificar e problematizar representações de gênero a partir da articulação de canções e imagens que compõem o primeiro vídeo da franquia, que alavancou o sucesso da Galinha Pintadinha.

Gênero

Como bem reconhecemos existem características de matriz biológica que tornam homens e mulheres diferentes fisicamente, nossa fisiologia demarca diferenças entre os dois sexos. Porém, o discurso biológico constituído na esteira das ideias iluministas, alicerçou uma série de diferenciações para além dos aspectos físicos que determinam o que eram, como eram e o que faziam homens e mulheres (SABAT, 2003). A natureza materna das mulheres e a inadequação dos homens para o trato com questões afetivas, são verdades criadas e reforçadas por diversos discursos advindos de diferentes áreas do conhecimento, em especial as ligadas à saúde, como a medicina, a psicologia e a biologia. Essas disciplinas vão apontar através de explicações genéticas e da psique que determinados comportamentos masculinos e femininos são naturais de cada gênero.

Para essa investigação compreende-se a partir de Joan Scott (1997) que gênero não é fator determinante da sexualidade nem tão pouco unicamente determinado pelo sexo, mas sim “uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado” (SCOTT, 1990, p.07). Assumindo gênero como as diferenças nas relações entre homens e mulheres, produzidas cultural e





socialmente, pode-se dizer que somos mulheres e somos homens, nos construímos como tal, desde o lugar em que nos estabelecemos, o tempo histórico no qual vivemos, e ainda na perspectiva da sociedade e da cultura na qual estamos inseridos.

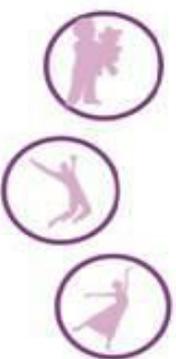
Começamos a aprender sobre quem somos desde o momento em que nascemos e essa aprendizagem, principalmente ligada às noções de gênero, não se limita à responsabilidade de uma única instituição social. A sociedade busca através de múltiplos discursos, construir-nos como “sujeitos pertencentes a uma identidade de gênero”. (RAEL, 2007, p. 160). Entretanto, somos sujeitos múltiplos, mutáveis e inacabados, nossas subjetividades não são tão fixas e rígidas como supúnhamos. Ao contrário, cotidianamente empreendemos negociações entre diferentes discursos, advindos diferentes referenciais, que buscam nos cooptar, que disputam nossas subjetividades, tentando nos conformar a estereótipos de maneira muito particular.

É na direção destas problemáticas presentes em nossas relações contemporâneas que se questionam os diferentes discursos que desde a mais tenra idade disputam as subjetividades de meninas e de meninos, convergindo para a constância de certos pressupostos sexistas. Encontra-se nas Infâncias um território interessante para investigações dessa natureza e atenta-se, para a relação das crianças pequenas com a música, com o vídeo e com o conteúdo desses artefatos ao reiterar ideias sobre a condição de ser mulher e de ser homem.

Produzindo Dados de Pesquisa

A escolha do material de análise deste trabalho respeitou a um critério bastante simples, o artefato escolhido foi o primeiro vídeo da personagem Galinha Pintadinha criado e divulgado em mídias eletrônicas (*site YOUTUBE*). A canção que compõe o vídeo também é singular, pois apresenta a personagem às crianças e suas famílias, colocando a produção no *hall* de artefatos culturais para a infância. Entende-se as produções audiovisuais, tais como a franquia “A Galinha Pintadinha”, como currículo cultural, admitindo a sua dimensão de poder, que induz, produz e suscita determinados modos de ser sujeito na sociedade contemporânea. A fim de analisar o material audiovisual, buscou-se separar as linguagens em oral e imagética, apontando os pontos de interseção entre as duas, no esforço de criar e/ou fixar determinadas representações de gênero. Para tanto inicia-se às análises descrevendo o vídeo na tentativa de perceber o que era dito sobre gênero nas imagens que compunham-no, logo passa-se a buscar intersecções entre imagem e letra da canção.





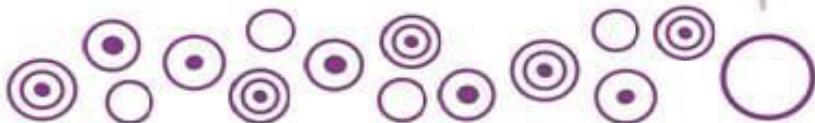
A Galinha Pintadinha em Discussão

A partir das análises empreendidas emergem três grandes categorias de dados, a primeira refere-se às cores, em diversos momentos as cores aparecem como marcadores da divisão entre os gêneros. A segunda categoria refere-se à divisão entre vida pública e vida privada e pôr fim a terceira categoria comporta a polarização entre homens e mulheres como fator divisor dos gêneros.

A primeira categoria de análise destaca o jogo de cores utilizadas para diferenciar os personagens, enquanto que a Galinha Pintadinha utiliza cores claras, que conferem uma delicadeza e afetividade a sua figura o Galo Carijó carrega cores mais escuras, que lhe conferem um ar mais sério, mais fechado, lhe emprestando uma sobriedade. É interessante notar que ao longo da história as cores só são identificadas como fator identitário do gênero a partir da modernidade. Por volta do início do século XIX há uma grande mudança na definição das cores entre os sexos. No vídeo objeto dessa análise as cores tornam-se um aliado na criação e no reforço de uma polarização entre homens e mulheres construída no discurso da canção. Quando o verso “*A Galinha Pintadinha e o Galo Carijó*” é cantado cada um dos personagens aparece isoladamente na cena, buscando destacar visualmente as diferenças entre um e outro, no verso seguinte “*A Galinha usa saia e o Galo paletó*” novamente a cor é acionada como dispositivo de diferenciação, já que a saia da galinha é de uma cor vibrante, porém delicada, enquanto que o paletó do Galo é de um tom claro de marrom, porém conferindo a ele certa seriedade.

A segunda grande categoria que as análises apontam, marca uma clara divisão dos papéis masculinos e femininos, enquanto as mulheres cuidam da vida privada, do lar, dos filhos, das problemáticas cotidianas de uma vida conjugal, cabe aos homens cuidar da vida pública, especificamente do trabalho fora de casa e da providência de recursos financeiros para o sustento da família. Os homens são localizados como figuras de autoridade dentro e fora do lar, enquanto que as mulheres são apontadas como “gestoras”³ da vida privada da família. Nesse sentido, podemos observar nas cenas em que a Galinha Pintadinha fica doente a clara divisão das tarefas, enquanto que o Galo Carijó recusa-se a se envolver em uma problemática da vida privada, em última instância quem assume a responsabilidade de lidar com essas temáticas são os filhos (pintinhos). Na canção essa noção é reforçada, quando o verso “*A Galinha ficou doente e o Galo nem ligou*” é cantado uma estranha “naturalidade” torna aceitável que o Galo Carijó não se envolva com a doença da Galinha Pintadinha. No

³ Utiliza-se o termo gestoras no sentido empregado pelo campo da administração, como gerente de processos, que nesse caso ocorrem no âmbito doméstico.





seguimento o verso “*e os pintinhos foram correndo pra chamar o seu doutor*” fortalece a ideia de que o envolvimento do Galo é desnecessário já que outros membros da família podem assumir essa responsabilidade.

A terceira e última categoria aponta uma constante polarização entre os gêneros, propondo que homens e mulheres são radicalmente diferentes e que essa é uma condição natural da mesma forma que a diferença entre espécies. Quando o verso “*o doutor era um peru e a enfermeira era um urubu*” é cantado, a cena que acompanha a canção mostra um peru vestido como um médico e um urubu vestido de enfermeira. Em última análise podemos entender que a representação utilizada sugere uma rivalidade entre as profissões, a medicina que por longos anos foi considerada uma profissão exclusivamente masculina, não se admitindo mulheres e a enfermagem que carrega o estigma de ser uma profissão de mulher, constringendo homens que optam por essa carreira. É perceptível que a polarização entre os gêneros é um dos principais dispositivos utilizados para demarcar as fronteiras entre masculino e feminino.

Considerações Finais

Este trabalho buscou problematizar as representações de gênero expressas no primeiro vídeo da Franquia “A Galinha Pintadinha e sua Turma”, entendendo-o como currículo cultural, que cria e dissemina representações sobre gênero que interpelam as crianças diariamente. Nas análises empreendidas foi possível compreender que o artefato em questão utiliza diferentes estratégias para produzir sistemas de diferenciação entre os gêneros, constituindo referenciais sobre o que é ser menina (mulher) e sobre o que é ser menino (homem).

O que se pretende com as problematizações deste trabalho não é banir a Galinha Pintadinha das escolas de Educação Infantil, tão pouco dizer aos pais e/ou responsáveis que não comprem os vídeos, os produtos e alimentos com a marca da personagem, nem pedir às crianças que deixem de se divertir com os vídeos da galinha azul. O que se almeja é promover estranhamento em relação ao conteúdo dos vídeos. O que os vídeos dizem às crianças? Quais efeitos podem produzir? Será que é necessário a personagem fazer da rotina das crianças? Que alternativas de entretenimento existem? São questionamentos como esses que professores e pais e/ou responsáveis e as próprias crianças necessitam fazer-se.





Referências

ÀRIES, Philippe. **História Social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade**. Porto, PT: Porto Editora, 2000.

MAKNAMARA, Marlécio. Currículo e nordestinidade: o que ensina o forró eletrônico? **Revista FAEEBA**, Salvador, v. 21, 2012.

RAEL, Claudia Cordeiro. Gênero e sexualidade nos Desenhos da Disney. *In*: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: Um debate contemporâneo na educação**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007

SABAT, Ruth. **Filmes infantis e a produção normativa da heterossexualidade**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre, 2003.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

